

RIO VERDE, GO, 1º DE OUTUBRO DE 1999

*Senhor Governador, meu querido amigo Marconi Perillo; Senhor Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga; Senhor Secretário Especial de Políticas Urbanas, Ministro Ovídio de Ângelis; Senhores Senadores Iris Rezende, Mauro Miranda, Maguito Vilela; Senhoras e Senhores Deputados federais, estaduais; Senhores membros das Câmaras; Senhor Presidente mundial da Gessy Lever, Niall Fitzgerald, e demais dirigentes da Gessy do Brasil, em especial o Doutor Humberto Aprile; Senhora Prefeita de Rio Verde, Nelci Spadone; Senhores Prefeitos, tão numerosos, aqui presentes; Senhores diretores, funcionários, trabalhadores da Gessy Lever; Senhoras e Senhores,*

Há vezes em que o Presidente da República se sente reconfortado. Hoje, é uma dessas manhãs. Primeiro, pela satisfação que tive de vir, mais uma vez, a Goiás, e de estar aqui em Rio Verde. Os que me conhecem sabem o quanto tenho, perto do meu coração, o Estado de Goiás. Estado de meus ancestrais, que, na minha meninice, eu via como tão distante, tão fora do Brasil, tão fora do mundo – e talvez fosse –, e hoje vejo tão perto, quando vivo em Brasília, tão no meio do Brasil, tão perto do

mundo, como nós estamos assistindo hoje, na inauguração desta fábrica da Gessy Lever, aqui em Rio Verde.

Vim acompanhado por todos os Deputados e Senadores do Estado de Goiás. Há momentos em que o conagraçamento é importante. Este foi um deles. Vejo aqui o Prefeito Nion Albernaz, velho companheiro. Ouvi as palavras do Governador, que são palavras de entusiasmo, às quais agradeço. São palavras de alguém que tem crença no seu estado e no nosso projeto para o Brasil. A nossa prefeita, que contribuiu decisivamente para que fosse possível termos este estabelecimento aqui em Rio Verde. Sei da reforma administrativa que fez aqui, com sua energia. As mulheres têm cada vez mais energia. Se não tomarmos cuidado – até é bom não termos cuidado – elas dão quinau nos homens. Com a capacidade empreendedora que tem, a nossa prefeita deu-me as palavras de boas-vindas.

São razões, portanto, de alegria. De alegria de ver que se governa um povo que é um povo, nas palavras do Doutor Fitzgerald, capaz de superar dificuldades. É um povo que também, como fez a Gessy Lever, tem objetivos, olha para frente, não se atemoriza, não se deixa abalar por, eventualmente, uma ou outra dificuldade. Sabe que tem a força suficiente pelo seu talento, pela sua capacidade criadora, pelo seu trabalho de levar adiante a construção de uma grande nação. Tenho, portanto, razões de sobra para estar feliz aqui.

Devo dizer com sinceridade: já vim depois de eleito Presidente, desde o primeiro mandato, muitas vezes a Goiás. Nunca deixei de ser recebido em Goiás de braços abertos e com o coração fraterno dos goianos. E vejo hoje, nesta manhã, de novo essa mesma maneira goiana, simpática, afável, afirmativa, destemida de falar com o Presidente da República. Isso me deixa com mais energia ainda para que possamos continuar levando adiante as grandes transformações no Brasil.

Primeiro, uma palavra sobre este evento, sobre esta fábrica. Depois, gostaria de falar um pouquinho sobre Goiás e sobre o que foi dito pelo nosso Governador.

Tenho andado muito pelo Brasil. É natural. Tenho podido sentir de perto o que o Governador disse, as transformações que estão ocorrendo no Brasil. Transformações não são frutos de um governo, nem de

dois, são frutos de uma continuidade de um povo que acredita nele próprio. Os governantes têm, pelo menos, a obrigação de se sintonizar com essa vontade de o Brasil andar. Mas o Brasil é um país que tem vontade de caminhar, de estar caminhando. Nunca deixou de caminhar. O Governador citou vários empreendimentos. A alguns deles fui pessoalmente, como em Serra da Mesa; estivemos lá juntos, com o então Governador Maguito, com os Senadores que estão aqui, o Prefeito Nion, o próprio Governador Perillo, que, naquele tempo, era deputado. Vimos aquela coisa extraordinária. Agregamos mais energia, mas, sobretudo estamos transformando o modo de trabalhar. Esta fábrica é um exemplo disso.

Ao entrar aqui, poder-se-ia estar entrando em qualquer lugar do meio-oeste americano, de algum pedaço da Europa, de algum outro vizinho nosso da América Latina, naqueles setores do mundo que estão avançando.

Rio Verde, hoje, é um pedacinho desse mundo novo. E o mundo novo não é só porque esta fábrica foi feita em nove meses – o que já é um recorde –, não é apenas isso. Aqui se alcançou o resultado que foi assinalado, da produtividade alcançada, altíssima, na produção do tomate de qualidade. É preciso que haja mão-de-obra competente, gente capaz, gente trabalhadora. E me encontrei agora, há poucos instantes, com a diretora – mulher, outra vez – desta fábrica. É uma jovem engenheira formada na Unicamp.

O Brasil é isso, é o talento de sua gente, a vocação dessa gente para trabalhar de uma maneira conseqüente. E esta fábrica é, nesse sentido, um grande laboratório.

Estamos, Prefeita, aqui em Rio Verde dando oportunidade a milhares de pessoas. Não são apenas os que estão na fábrica hoje, os seus engenheiros, os seus administradores, os seus trabalhadores. São os agricultores. São os que estão trabalhando no campo. E o plantio do tomate não é um plantio qualquer. É um plantio que exige uma qualificação especial. É um plantio sofisticado. É preciso entender a qualidade do solo, é preciso entender o tipo de adubo que se vai usar, é preciso combater a praga de um modo adequado. Não se faz isso sem que se forme o trabalho. Há, portanto, um simbolismo.

E a Gessy Lever escolheu Rio Verde. Uma multinacional do porte da Gessy Lever escolheu Rio Verde. Por certo, as terras são boas; por certo, o Estado de Goiás apoiou o empreendimento. Mas, também, porque sabe que há gente de qualidade. Esta fábrica é um símbolo desse Brasil, desse Brasil que, em vez de ficar com a cabeça escondida na areia, como avestruz, com medo da globalização, se dispõe a enfrentá-la e tirar para o País os melhores resultados dessa situação nova da produção mundial, sabendo dos riscos que se impõem também. Sabemos que só há uma maneira efetiva de enfrentarmos o futuro com segurança: é qualificando a nossa gente, é dando educação, é dando capacitação técnica, é dando capacidade de competir. E é fazendo com que a nossa gente seja orgulhosa de si própria, tenha autoconfiança.

Quando faz uma fábrica como esta, a Gessy Lever está confiando, como disseram os dois diretores que aqui falaram, no Brasil. Quando se faz uma fábrica como esta, quando os governos ajudam esta fábrica, eles o fazem porque também confiam. Não é, portanto, apenas um marco da produção industrial ou do *agrobusiness* ou da vinculação da agricultura com a indústria. É mais do que isso: é um verdadeiro voto de confiança no futuro deste país.

Não é raro se tomar essa decisão. Nem os que tomaram na Gessy Lever, nem os que tomaram governando Goiás, porque ambos confluíram para a crença de que há condições de prosperidade, há condições de se avançar. Por certo, qual de nós, aqui presentes, que temos o trato da coisa pública, se esquece de que existem problemas sociais? Ou de que há desemprego? Vai haver cada vez menos se tivermos, cada vez mais, iniciativas como esta. Ou de que há problemas de exclusão social? Mas nada, nada e nada mesmo contribuirá mais para diminuir esses problemas, para dar-lhes solução do que o crescimento econômico, do que o desenvolvimento, do que a capacitação das pessoas, do que o treinamento e a educação que levam a melhor salário, que permitem uma integração ao mercado de consumo.

Apraz-me dizer-lhes, aos que tomaram decisão de continuar acreditando no Brasil, que não erraram, porque acompanham o que acontece. Ainda ontem, por casualidade, recebi um relatório da Abia, da Asso-

ciação Brasileira da Indústria de Alimentação, deste ano – ano de crise – , deste ano de 99, e neste ano a produção cresceu. Neste ano o consumo aumentou. Neste ano o rendimento das empresas diminuiu um pouco, mas não houve a catástrofe anunciada, como disse o Governador. Não. Não houve catástrofe alguma, porque não perdemos o rumo e não vamos perder o rumo, porque o Brasil precisa seguir adiante, num rumo firme e forte.

Os que são descrentes, pessimistas, choramingueiros vão sempre olhar enviesadamente para ver o que está errado. É bom que tomem consciência do que está errado, mas para corrigir e não para, no fundo do coração, sentir um gostinho de prazer pelo erro do outro. Quem não vê no outro um parceiro, quem não vê no outro, mesmo como adversário político, alguém que pode, se estiver dando certo, ajudar o Brasil, portanto, ajudar àquele mesmo de quem é adversário num outro momento, não constrói. Para que se construa é preciso ter generosidade, grandeza. Isso vale para uma fábrica e vale para um país, como vale para uma escola, como vale para qualquer setor da vida, como vale na família. Vale em toda parte.

Mas vejo, realmente, com muita confiança, o nosso futuro. Vi o que fizemos este ano no Brasil. Este ano, vi que não estávamos sozinhos. A decisão desta fábrica da Gessy Lever foi tomada certamente antes. Mas ela poderia ter sido suspensa. E não foi. Não foi pelas mesmas razões pelas quais não vamos suspender nunca a nossa confiança no País. Continuaram, e, ao continuar, ganharam e vamos ganhar todos, juntos.

Sabíamos que teríamos um ano com alguns problemas. Imaginávamos até que fossem mais graves. Não desanimamos. Mas aí, agradeço ao Governador Perillo, mais uma vez, as referências que fez. Posso ter muitos defeitos. Tenho. Mas não desanimo. Não perco o rumo. Não deixo de acreditar. Não deixo de motivar, mesmo quando há acusação injusta, se acaso houver. Ela não marca a minha alma, porque os meus olhos estão voltados para o futuro do Brasil, não estão voltados para um dos mandatos, não estão voltados sequer para uma biografia. Estão voltados para o futuro do Brasil. E vejo o presente a cada instante avançando.

Aqui, Senhores, Senhoras que aqui estão, nós estamos assistindo a mais um momento desse futuro do presente. Esse futuro se materializa, hoje, na inauguração desta fábrica. Podem ter certeza: isso está acontecendo em todo o Brasil. Não tenho dúvidas, Governador, de que nós vamos fazer a Norte-Sul. Não tenho dúvidas quanto a isso, porque a Norte-Sul é um imperativo de integração nacional. Já estamos fazendo. Agora, precisamos retomá-la, não só na direção norte-sul, mas sul-norte, começando por aqui, por Goiás.

Ainda há poucas semanas estive em Alto Taquari, que não é muito distante daqui, Prefeita. É a 80, 100 km daqui. Lá fomos ver a Leste-Oeste, a Ferronorte, em que ninguém acreditava. Nós fizemos. No meu governo. E hoje, de Alto Taquari para cá, para chegar ao Triângulo Mineiro, falta pouco. Vamos fazer. Esse nós não sou eu, não é o Governo, é a sociedade brasileira. Precisamos acreditar que as parcerias vão funcionar e vão dar certo.

Dentro de pouco tempo vamos ter toda a nossa área rural iluminada. Quero ter o prazer de vir a Goiás para começar o programa aqui. Goiás vai ser o primeiro estado do Brasil em que não haverá nenhum ermo do campo sem que haja energia elétrica. E isso é bem-estar do povo. Não é desenvolvimento abstrato. Não são apenas melhores recursos para gerar produção, são melhores meios de vida. A população vai ter acesso ao rádio, à televisão, à geladeira para conservar seus alimentos, a uma porção de instrumentos que fazem uma vida melhor. Vai se poupar energia humana na fazenda. Em vez de multiplicar o trabalho com um esforço imenso, máquinas que mais depressa farão aquele trabalho.

Os pessimistas – e assim foi no século XIX também – vão dizer logo: meu Deus, vem máquina, vai perder emprego. Não é assim, nunca foi assim. Não é assim na história. É pena que nem todos tenham tido a possibilidade de conhecer tanto a história, como alguns aqui têm, para saber que, quando se desencadeia um processo de crescimento, mesmo que aqui se perca, ali se ganha, se o crescimento for sustentado e se houver a continuidade da transformação industrial. E cada máquina que substitui gente aqui cria novos empregos ali no campo, cria outros nos serviços, cria outros em fábricas de máquinas, cria outros para

gerar energia, cria outros para fazer insumos e assim vai. Essa teia de crescimento é que hoje tem de ser estendida a todo o Brasil. A luz do campo virá e será inaugurada, o programa, lançado aqui em Goiás.

Não quero me estender – aqui há pessoas que me conhecem há tantas décadas. Olho o Senador Iris – não sei quem de nós é mais velho, mas nós dois somos mais moços do que esta fábrica –, nos conhecemos há muitos anos. Há outros que se conhecem há menos tempo. Há outros que têm mais proximidade uns com os outros. Mas, na verdade, o que tem que nos unir mesmo é essa crença no Brasil.

E é em nome dessa crença no Brasil que agradeço a presença de todos, as palavras entusiasmadas do nosso Governador, meu amigo, meu correligionário, as palavras daqueles que vieram aqui para mostrar-nos as possibilidades desta fábrica. Agradeço de todo o coração e posso lhes dizer: Goiás vai contar sempre comigo. E se, em algum momento, eu puder ter uma participação ativa, a antiga cidade de Vila Boa de Goiás, cidade dos meu bisavós, vai ser Patrimônio da Humanidade.

Muito obrigado.

